

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 11.

JUNHO 1.

1856.

A BIBLIOTHECA DE BRAGA.

Muitos houve estudiosos em ajunctar, e erigir bibliothecas insignes, com mais discreto gôsto, que outros em edificar palacios, e plantar jardins, ou murar tapadas. Ptolomeo Philadelpho, filho de Ptolomeo Lago, rei do Egypto, ajunctou em Alexandria uma livraria de cincoenta e quatro mil e oito centos volumes, segundo o computo de Genebardo; porem mais verosimil é o de outros, que o sobem a quatro centos e septecentos mil.

Josepho escreveu, que, perguntando o rei ao prefeito, que tinha constituido d'esta bibliotheca (que foi Demetrio Phalereo, varão insigne em letras, e proesas, fugitivo então de Athenas) quantos volumes, tinha juncto, respondeu que duzentos mil; porem que brevemente esperava que subissem a quinhentos; e é certo, que depois d'isto sempre se foi augmentando, cousa na verdade prodigiosa, por não ser ainda inventada a estampa. artificioso Briareo, que trabalha mais que cem braços de amanuenses juntos. Este rei foi o que procurou, e effectuou a traducção dos livros sagrados em lingua grega, que é a dos setenta interpretes.

Julio Africano, excellentissimo philosopho, theologo, e historico, ajunctou outra em Cesarea, que depois augmentaram Eusebio Casariense bispo, e Pamphilo presbytero de Leodiceia, e chegou a numero de trinta mil tomos selectos. Esta é que consoltava S. Jeronimo nas cousas difficultosas, e pelos seus originaes authenticos emendava as copias corruptas dos livros do Testamento velho, como elle mesmo insinua.

Da de Eumenes se escreve, que tinha duzentos mil volumes. O gran-

de Constantino, na nova Roma, e templo de Sancta Sophia, ajunctou outra de cento e vinte mil, da qual diz Niceforo, que inriqueceu muito a sua historia. O papa Nicoláu V. ajunctou a Vaticana, que é celebre, não só pela multidão de livros, senão pela cópia de antiguidades manuscriptas; d'aqui, e da de Valicella, que é da congregação do oratorio de Roma, se ministrou abundante materia áquella prodigiosa obra do Acta Sanctorum, ou Anno Sagrado, a que deu principio o padre João Rollando, da companhia de Jezus, e não tendo chegado mais que ao fim de maio, occupa já dezanove tomos grandes.

São tambem famosas as bibliothecas de Phelipe 2.º rei de Hispanha no Escorial, de Francisco I. rei de França em S. Victor, de Mathias Corvino rei de Ungria em Buda ás quaes se-podem ajunctar a de São Marcos em Venesa, a Florentina em Hetruria, a de Baviera em Beyeren, a Memmiana, a Seguriana, e as de São Germão, e sancta Genovepha em Pariz, e a Ambrosiana em Milão; que seria se se desse á estampa tudo o que em tantas partes, especialmente nas universidades, e religiões está continuamente escrevendo? Valentino Gerardo afirma uma cousa digna de se-notar, e diz, que vivendo em Pariz, soube de pessoas fidedignas e que o-podiam averiguar, que sôbre o mestre das sentenças tinham composto de commentarios n'aquella universidade um conto e cem mil auctores. Certamente aqui se verifica o oraculo do Ecclesiastes: Não dar cabo a multidão dos livros, que se vão fazendo.

Outros pelo contrario, tiveram pouca estimação, e ainda odio declarado contra as livrarias:

O imperador Lyão Isaurico intregou ás chammas uma nobilissima de trinta e tres mil volumes, e n'ellas as mui presadas obras de Homero, a Ulysses, e a Illiada, escripta em um livro de intestino de dragão, e (o que mais declarou sua barbara impiedade) queimou junctamente d'ose varões sábios, e virtuosos, que assistiam por deputados ao culto, augmento e custodia da mesma livraria.

No anno de 1566, andando os heges em Flandres destruindo os templos, e sagradas imagens, alcançava seu furor ás bibliothecas, considerando-as como armazens bem providos da catholica soldadesca, para destruir as ficções, e corruptellas do calvinismo, e lutheranismo. E assim para mais facilmente arderem, as untavam primeiro com manteiga.

D'isto que se deixa transcripto, do tomo 5.º pag. 305 da *Nova Floresta* do nosso *Padre Bernardes*, bem se vê o apreço em que sempre foram tidas as bibliothecas publicas e particulares. E bem se vê tambem o despreço em que tem sido todas as mesmas bibliothecas por aquelles, que se tem declarado em guerra com as letras. E ainda n'este ponto se podiam citar mais actos de vandalismo contra os livros practicados em tempos antigos. Nos tempos modernos tem-se declarado uma guerra de morte contra os monumentos: contra as bibliothecas, não consta de tal.

Na sessão do conselho do Lyceu d'esta cidade, celebrada em 7 do passado, é que em nossos dias se abriu o exemplo da guerra moderna contra as bibliothecas! E muito é de sentir que partisse uma ideia de tal vandalismo, indecorosa a todos os respeito, da unica corporação litteraria da capital do Minho.

A Carta de Lei de 2 de Dezembro de 1844 e o decreto de 21 de Novembro de 1851 determinam positivamente o estabelecimento e conservação da bibliotheca publica de Braga, mas o conselho d'este Lyceu, desprezando as determinações claras d'aquellas leis determinou que no recinto do edificio da bibliotheca se estabelecessem fogos para cosinhar que são outros tantos focos de

incendio para a bibliotheca nacional de Braga poder ser facilmente entregue ás chammas, como entre outras a muito celebre bibliotheca d'Alexandria.

O facto do procedimento do conselho do Lyceu é inqualificavel: pois o Decreto de 21 de Novembro de 1851 diz *positivamente*, que só será permitido, no edificio do Lyceu e bibliotheca, o estabelecimento d'um collegio de educação QUANDO NÃO HAJA RISCO D'INCENDIO para a bibliotheca, e vista a PLANTA que nos fôra offerecida pelo snr. Rodrigues, bibliothecario conservador dos livros da bibliotheca nacional desta cidade e a qual nós examinamos estar exacta, indo á bibliotheca, ha IMMEDIATE risco d'incendio para o deposito de livros, uma vez admittida a existencia d'uma cosinha dentro do edificio do lyceu e bibliotheca, que estão ambos debaixo do mesmo tecto, e que longe de estarem separados um do outro por duas grossas paredes, muito pelo contrario a principal parede, chamada *divisoria*, tem aberturas mais que proprias para o prompto incendio da bibliotheca, se acaso se atear o mais pequeno incendio na cosinha ou nos quartos do collegio do Lyceu.

E custa a crer, que tanto o conselho do Lyceu, como a authority superior do districto, FALTASSEM A VERDADE INDECOROSAMENTE, quando informaram ao Conselho Superior e ao Ministerio do Reino que não havia perigo d'incendio para com o deposito de livros d'esta cidade, estabelecido que fosse o collegio d'educação do mesmo Lyceu.

O snr. Januario d'Almeida, muito habil engenheiro das obras publicas dos districtos do Porto, Braga e Vianna, examiando as *mertidas* paredes divisorias, declarou solemnemente, que, ateadado um incendio no recinto do Lyceu e bibliotheca, ficaria esta redusida a cinzas, e em cinzas todo o edificio dos extinctos Congregados, dentro de 3 a 4 horas!

Repetimos, e terminamos, declarando conscienciosamente que não sabemos qualificar o facto alludido da deliberação do conselho do Lyceu d'esta cidade!

DUAS PALAVRAS SOBRE GALLICISMOS.

Gloria, gratidão e amor aos que, por si e pelos outros, procurarem repor a nossa lingua — e mais poderosa e senhoril — no throno donde rebeldias de mandriões affrontosamente a derubaram.

A. F. De Castilho.

(Continuado do n.º antecedente.)

III.

Ja se vê, que não sou dos que contrariam absolutamente a introdução de qualquer vocabulo ou phrase estrangeira. Dizei mais ainda: a lei d'introdução, necessaria ás vezes, é geralmente util para tornar uma lingua mais rica e expressiva. Mas porque é então que se grita contra os gallicismos? E' mister aclarar bem as ideias que é o melhor meio de attinar com a verdade e discorrer com rectidão. Parece não dever dar-se o nome de gallicismos áquelles termos, que, embora originarios do francez, foram com justo motivo legitimados portuguezes. Muitas palavras temos que hoje são da maior pureza, e que outrora entraram de França a naturalisar-se em terreno portuguez, sem que os classicos lhe embargassem o passo. Hoje que a lingua está formada, ha menos motivo para admittir palavras estranhas, mas ainda assim não julgo acerto vedar-se-lhe de todo em todo a entrada (2). O que são pois os gallissims? perguntar-não talvez. Segundo a minha humilde opinião, e que não é só minha, deve dar-se este nome (3) unicamente ás palavras ou phrases vindas do francez e que não conformam com a indole da nossa lingua ou são empregadas d'uma maneira abusiva. Abra-se um livro destes,

(2) Esta mesma era a opinião do snr. Neves Pereira que escreveu no seu *Ensaio Critico*: Já não ha necessidade que justifique os homens de recorrerem a uma lingua estranha e aproveitar &. Não pretendemos comtudo persuadir, que absolutamente não seja licito adoptar mais alguma (palavra) com prudencia. Tomo 4.º das *Memorias* citadas, pag. 446.

(3) Vej. a nota do primeiro artigo.

que são compostos por

peralvilhos

Que ensossos passom por estranhas linguas,
Minguados na materna a quem desdenham,
Por que inda aptos não são para invejal-a.

Quem tiver lo ouvido affeito á sonora e amena linguagem portugueza ha-de ahi embicar em palavras rispidas e dissonantes, em pbrases enviezadas e sem analogia, que só o mau gôsto podia desencaixar e empregar. E tais são os verdadeiros gallicismos que corrompem, desfiguram e poem a nossa lingua mais remendada e ardrajosa que *capa de pedinte*. Contra estes, não cessam de gritar os escriptores instruidos e conscienciosos; contra estes é que eu desejava que se acautelassem todos os que emprehendem escrever duas linhas para o publico; contra estes finalmente é todo o meu empenho prevenir os jovens e inexpertos estudantes, a quem me dirijo. Similhantes gallicismos são um insulto á lingua de nossos paes, são uma falta imperdoavel: quando não significar ignorancia atrevida e grosseira, mostram certamente menos-preço da honra nacional, o que é peor ainda (4). Amor da sua lingua é o caracteristico d'um escriptor patriota. Vejam-se os seculos da nossa gloria, em que nos estimava-mos mais que hoje:

Do que se antigamente mais presaram
Todos os que escreveram foi honrar
A propria lingua e nisso trabalharam.

São palavras do nosso bom Antonio Ferreira (5), a quem mais que a nenhum outro

(4) O snr. Castilho diz que «o amor á lingua da nossa terra anda ligado com o amor da nossa terra e da nossa gente; que é até uma virtude companheira certa senão mãe de muitas outras» — *Revista Universal*, 2.º vol. da 4.ª serie.

(5) Antonio Ferreira, magistrado publico de Lisboa, portuguez honrado d'antiga tempera, deve certamente, como observa F. D. Gomes, ser contado pelo segundo que depois de Sá de Miranda se distinguiu na poesia e aperfeicou a lingua portugueza. No seu tempo desprezava-se a lingua vulgar, e era costume poetar n'outras estranhas; porem elle amou tanto a sua lingua que, como na elegia á sua

podiam ser applicadas, porque foi elle ardentissimo amador da nossa lingua (6), e um dos que mais a aditaram com produções originaes.

Hoje ainda as coisas vão muito ao contrario. Se não ha quem escreva em lingua estranha como no tempo do auctor da *Castro*, não falta comtudo quem nos queira levar a uma linguagem mestiça de francez e portuguez, que é a peor praga que nos podia cair em

morte diz Diogo Bernardes, dando á patria tantos versos, raros um só nunca lhe deu em lingua alheia.

As suas poesias tem a muitos respeito grande merecimento; as odes, na opinião de competente julgador, são puramente horacianas. Verdade é que no estudo aprofundado das antigas litteraturas classicas, apurando o gosto, contrahiu tambem certo habito d'imitação (cancro terrivel, diz o snr. Garrett que gasta o espirito creador, alma e vida da poesia nacional), que não permittiu ao seu genio remontar-se em vãos livres para se inspirar d'uma poesia toda portugueza na idea e na forma. Mas, ainda assim, quem nos dera que todas as obras poeticas sabidas nesta terra fossem nacionaes como as suas!

Entre todas as composições que nos deixou este estimavel poeta nenhuma avulta tanto como a *Castro*, que o encheu a elle de gloria e deu summa honra á nossa litteratura. Por esta admiravel tragedia, ainda mais admiravel por o tempo em que foi escripta, adquiriu um titulo seguro á immortalidade: e, com attenção a ella n'uma boa historia geral da litteratura nas modernas nações da Europa meridional o seu nome não pode nunca passar sem menção mui honrosa.

Um dos motivos porque eu mais gosto de Antonio Ferreira é por elle ser o poeta que menos se occupou de *ninharias canoras*. Muito incanta realmente nas suas obras a pureza da moral, o nobre patriotismo, o generoso sentimento da *honrada* liberdade de nossos avós, o enthusiasmo emfim da virtude, que como diz o snr. Garrett, respira, se mostra e resplandece em cada pagina que escreveu. Por isso delle e de Sá de Miranda, o nosso Seneca, que seguira quasi o mesmo rumo, disse outro poeta tambem honrado e com elle parecido (A. R. dos Santos.)

Que nobre companhia me não fazem
O docto Sá, o inclyto Ferreira?

(6) Na sua ode á Lingua portugueza diz elle:

Mas inda em alguma parte

Ah! Ferreira (dirão), da lingua amigo.

Filipito Elysio disse depois com effeito:

Bom Ferreira, da nossa lingua amigo.

casa. Pois é pena! que é a nossa lingua entre as vivas uma das mais abundantes (7), e não sei onde haja outra com mais brandura, magestade, doçura, concisão e emfim « mais accomodada ás materias importantes da patria e da escriptura (8) » Custa a ve-la menoscabada por seus naturaes!

Eis-aqui as condições que me parece deverem requerer-se para que em vocabulo

(7) Alguns ha que a taxam de pobre, porque a ignorancia delles de tal modo lhes obtusa o entendimento que não lhes permite conhecer a pobreza do seu discurso.— F. D. Gomes, Elegia VII, nota 9.

(8) D. N. de Leão tambem diz (origem da Lingua Port., cap. 22.): Não ha para que se negue a suavidade e facilidade da lingua portugueza porque para tudo tem graça e energia, e é capaz de nella se escrever em todas as materias dignissimamente assim em um prosa como em verso,

Que solidas sentenças, que virtudes,
Que gran philosophia me apresentam?
Não essas de theoreticas altivas
Que ignotas regiões, invias veredas,
Sem prumo e lastro vagabundas correm,
Mas practica, e segura e certa guia,
Na carreira da vida: quando os oíço,
Que conselhos, que maximas prudentes
Que regras sociaes delles aprendo?
Tão alta, tão christão philosophia
Transluz nas suas obras, nos seus dictos,
Que outro em Syria não acho mór do que elles,

Eu, para dizer a verdade, não gosto muito de certos assumptos frivolos que para seus versos tomam alguns poetas, ainda hoje. « A poesia escrevi eu n'outra parte, é uma arte divina; mas desde que a baixam para as miserias da terra convertem-na em charoá de rapazes, se não é (como é muitas vezes) em coisa peor... E' então que hade a poesia, ás duas e ás tres, cair em desvios miseraveis! Hoje acrosticos e alambicadas glosas; á manhã melodramaticos *desesperos socegados* para imitar *Byron*; e sempre versos destillados por um ingenho forçado!... E' por isso que eu digo que a poesia, quando não é um hymno a Deus uma ode á virtude, um cantico ao amor puro ou um poema á gloria, é quasi sempre a maior de todas as miserias, loucuras e semsaborias que se podem escrever em letra redonda ». A poesia é e deve ser sempre uma coisa seria: ora para o homem o que é serio é a verdade; vejam pois os poetas o que escrevem e não só como escrevem. Por um compor em verso; nem

francez ou d'outra qualquer lingua possa trazer-se para entre nós legitimamente. 1.º E' preciso que seja energico, expressivo e sonoro; 2.º que seja derivado com anãlogia e não desdiga da indole da nossa lingua; 3.º que não haja correspondente em portuguez que o possa substituir com o mesmo valor; 4.º que, depois de admitido, não seja empregado com repelição affectada. E' evidente que primittir a admissão d'estranhas palavras fóra destas condições é abrir as portas da nossa litteratura a quantos ignorantes e ridiculos tarelos lhes aprouver vir foçar o bello terreno da lingua que chamamos nossa, é passar a todo o palronio presumido licença franca

..... pôr escola

D'uma lingua viciada de hervilhaça,
Mal colhida em mau signo, chocha e mocha.

© ESTUDANTE.

UMA COUSA QUE PARECE ROMANCE.

(Continuado do n.º 9.)

IV.

Chegou o tal domingo. Do mesmo modo que os antecedentes; os mesmos parochianos; as mesmas costumeiras e a mesma praxe.

Juntaram-se no fim da missa os mesmos *revisteiros* d'aquella celebre discussão. O uniforme era quasi o mesmo: apenas faltava ao miliciano, aquelle grande chapéu que bulia muito. Provavelmente, este traste original, foi acabar os dias em alguma prateleira das estantes d'algum museu. Neste Domingo porem, poderia o miliciano passar por mais *sympatico*. Um lenço de chita atado com certa graça e desleixo em volta da cabeça, não deixava de lhe dar uns ares a *modo* de turbante mourisco.

O Fiusa, sabia que tinha de pregar ás turbas, porem ignorava ainda sobre que materia. Outro qualquer que não fosse elle, trataria d'arranjar uma certidão de doente, para se escapar a algum *ex abrupto*, porem o homem das fallas, não era fazenda d'isso: *improvisava*, como o melhor mentiroso.

Ignacio Lumieira, deu signal para a a-
por isso está menos obrigado a dizer coisa que se entenda a expressar ideias verdadeiras, a fazer enfim obra util e de proveito (o agradável tambem muitas vezes é util.)

bertura, fornecendo a cada um dos preopinantes uma pitada de espirituozzo simonte. Todos se serviram, e todos espirraram, como em dezafio.

— Meus amigos, disse elle, mettendo n'um bolso do colete a caixa de tartaruga de cidade, — ouvia eu lá nos meus tempos dizer a minha avó, mulher entendida, e que até sabia lêr: — que, *nas paixões perfectas, faz a morte as colheitas*; mas conheço por experiencia propria, que o dictado falha cá na minha pessoa. Se as paixões matassem, já neste cadaver pastaria toda a bicharia da sepultura. As paixões não matam, mas são o coveiro da campa; — e limpava com as costas da mão as lagrimas sinceras que lhe saltavam dos olhos.

— Pois que é isso, compadre? Na casa do Tinente, bouve novidade esquerda, e que moreça fallatorio? os amigos ainda não morreram todos. O compadre, sabe ha quantos annos me chamo Fiusa; e á minha beira ninguem fica mal.

O miliciano, que n'aquella roda fazia a figura dos *oitos e nozes*, n'um baralho de cartas, entendeu que tambem devia metter a sua colherada, e arrumando com as costas da mão um encontrão no hombro direito do Fiusa, disse, rindo-se como um idiota:

— Ora isso, é que é fallar. Cada um no seu tanto, sendo amigo, e fazendo minga, pode fazer de tal sim senhores, cousas e lousas.

— Sim, sim meus amigos, quando o mal é de morte, o remedio é morrer. E' que trago sobre o coração uma nuvem tam negra, que tem de ser ella certamente, que me ha de levar para dentro da tumba: — e ao pronunciar as ultimas palavras, desdobrava elle a carta, e entregando-a nas mãos do compadre, esperava ouvir a sua sentença d' infamia.

— Então, isso são os titulos? — rosnou um, que tomara n'aquella farga o papel de *gracioso*.

O *supremo tribunal*, leu muitas vezes a carta soletrando-a de seu vagar. Esta demora dependurou toda a roda, dos labios d'aquelle que d'ahi a instantes hia ser juiz e interprete da lei. Outro tanto se não podia dizer do afflicto marido, porque esse parecia chumbado n'uma pedra. Esbogalhara os olhos, e ficara privado de sentimento e movimento: lá, como elle, estando de pé, arranjou tudo isto, pergunte-o, quem for curioso, porque eu não m'incumbi d'explicar fenomenos scientificos. O que eu sei, é que aquelle lethargo estúpido do Lumieira, similhava bem um principio de *cataplexia*: (este nome, que ninguem me tira da cabeça, que tem seu parentesco com o grego, como quasi toda a nomenclatura algaravia, foi mettido a pedido d'um cirurgião meu amigo, e que quer acreditar-se) O filho mais querido do velho Esculapio, ganhava um porco morto, se podesse contar, ainda mesmo ajudado do *canudinho*, o qual para ninguem enten-

der, se chama *stethoscopo*, (é da mesma irmandade que o de cima: vai ahí só para mostrar erudicção) todas as pulsações d'aquelle pobre coração.

O Fiusa, depois de ter estudado o *enigma* por todos os lados, e segundo elle depois confessou, foi a primeira vez que a sua intelligencia estacou em frente do escripto d'um rapazinho. Lembrou-se de pedir tempo, para estudar mais a fundo, porem isto era abanar de si a coroa litteraria, que toda a freguezia lhe collocara na fronte: decidir mathematicamente do que não percebia, era bem pouco honesto. Livrem-se d'estas talas. Tornou a ler com toda a attenção, até que por ultimo, graças ao talento, á intelligencia monstro do Fiusa, esvoaçou uma ideia luminosa. O *lologripho* estava descoberto. Se o philosopho Syracusano saltou de dentro do banho, para proclamar o seu *inveni*. Domingos Fiusa fez mais, atirou dous pontapés ás canellas do miliciano, o qual como não era occasião de curtir dores proprias, contentou-se com dar dous gemidos rachiticos, para não ir impressionar os outros. Eu, se tivesse feito o que fez o Mirabeau, teria sido só para me desferrar do tal encontrão.

— Compadre, compadre, que lhe disse eu, ha um bom par de mezes?! — mas o compadre, era quèdo como a estatua do Longuinhos do Senhor do Monte.

— Deixe-o dormir, sôr Domingos: — acudiu o *gracioso*.

— Não senhor, bula com o homem: não é bem que esteja nessa madorra: — e o miliciano sacudia o pobre Ignacio, como quem tinha vontade de aquecer.

Depois d'aquellas impressões fortes, e choques, como de maquina electrica, não havia outro remedio, senão o homem voltar a si. O marido accordou do seu pesadello, esfregou a cara com a ponta do capote e tomou uma pitada.

Ai, compadre, não se lembra do que lhe disse, aqui neste adro, ha bons mezes, a respeito do môgo? pois é pápá santa Justa, o que eu prophetisei.

O Fiusa, descobrira na carta, uma ciphra maçonica!!!

— Pois, que é? diga, diga.

— Digo, digo, e antes o não dissesse: Pallenis é o maioral dos pedreiros livres, e seu filho, diz que já é filho deste diabo. — Esta sentença foi pronunciada com uma cara de missionario em disponibilidade.

A roda tremeu toda como varas verdes. O miliciano benzeu-se cinco vezes, beijou outras tantas a cruz d'umas contas que trazia ao pescoço, e principiou a recitar em voz baixa a *magnifical*. Todos olhavam com compaixão para o pae do *illuminado*. E só o bom Lumieira, recebera, se não alegre, ao menos indifferente tam desastrosa noticia. E fazia muito bem: antes ter um filho *pedreiro livre*, ou mes-

mo toda a parentela do que uma Evinha infiel.

A condemnação do rapaz, era a taboa de salvamento da fidelidade da pobre Benta. O marido levantando o anathema á sua metade d'alma, desceu maldicção sobre seu filho Manoel.

— Antes isso. Deos lhe toque o coração, e o faça voltar ao seio da religião. O Senhor, perdôa de boa mente aos arrependidos. S. Paulo e S. Pedro, peccaram muito, e são hoje uns grandes sanetos: — balbuciou o pae.

— Isso, é que é verdade. O que mais faz admirar, é S. Pedro que tendo negado tres vezes ao Mestre, como muitas occasiões tem dito o senhor Reitor, quando lê no cathecismo, chegasse depois a arranjar um emprego de tanto valimento, lá no ceu. — O miliciano, era o unico que podia argumentar com a biblia, sabia quazi tanto della, como o proprio reitor.

— Mas, sempre é desgraça! parece que nós achamos mais satisfação, quando desgostamos a um terceiro. Meu filho, mettu-se com a gente graúda da cidade, e depressa cabiu no barranco da maldade. Valha-me Deus, custa tanto ter um filho hereje: — disse o pae, acompanhando estas ultimas palavras com um punhado de gemidos, capaz de cegar a inveja a meio mundo.

— Barbora Virgem, se vestiu e se calçou suas santas mãos lavou... — accadiu de prompto o miliciano, que intendera, que depois d'um pae declarar, que tinha um filho hereje, immediatamente havia de descer sobre elles, um temporal desfeito. A oração que principiara a recitar, tem a vantagem de levar as tempestades, para onde não ha — *leira, nem beira, nem gente da christandade*.

— Louvado seja Nosso Senhor Jezus Christo.

— Para sempre seja louvado, senhor reitor — acudiram todos a uma voz.

— Parece-me que está assim a modo de triste, senhor Ignacio; então que foi isto?

Ai, senhor reitor, couzas da vida: desgraças que só acontecem a quem os tem.

— Então morreu-lhe algum boi?

— Muito peor que isso. Morreu-me um filho para igreja: — e o infeliz pae de cada vez mais triste.

— Pois que foi? conte-me isso: — disse apressado o bom do parochio.

— Eu conto a vomecê tudo, porque o compadre não tem animo. O estudante do Tinente foi para Braga, e fez por lá das suas e das alheias, e quando toda a sua gente estava em socego, manda o tratante esta carta como quem quer mostrar os pontos a que subiu. Lêia, vomecê a carta, — O padre Thomaz, que assim se chamava o pastor d'aquelle lansudo rebanho pegou da carta e leu-a. Este padre, se não furava penedos com a intelligencia, tambem não era dos mais estupidos. Tivera até

a mania, lá na sua mocidade, de fazer versos porem mataram-o no nascedouro. Diz athe alguem, que fazendo elle uns versos, fora condemnado pelo tribunal do — *sensu communi* e da *grammatica*, a escrever sempre em proza para ser entendido. Lamento a sorte d'este infeliz, por ser o unico a responder a tal tribunal. parece que havia *pedidos*, para que no catalogo dos poetas, falhasse o nome d'este genio. Deram-lhe uma punhalada mortal, quando a vocação principiava d'expandir-se.

O agonisar d'um genio em *crysalida* semelha bem a morte d'um *anjinho*.

Cada um cedeu á sua estrella. Este, vae em direitura ao olimpo, puchado pelos pezados e maços livros da theologia. Aquelle, poupará trabalho a quem no futuro arvorado em Plutarco, se encarregue d'inscrever as capacidades do seu bairro (delle Plutarco, bem entendido.)

E como acabou bem com este parenthesis!

(Continúa.)

Fernando Castiço.

O CIUME.

I.

Entre ferros, ha dois annos,
Passo a vida tristemente;
Martirios crueis, insanos
Flagelam constantemente
Este peito retalhado,
Que na dor já sepultado
Soffre, soffre sem cessar;
Lembrando-me a toda a hora
A mulher a quem outr'ora
Tanto, tanto sube amar!

Mas hoje, por causa d'ella
Mil torturas soffro aqui!
Oh! maldicta seja a estrella,
D'esse instante em que nasci!
Oh! maldicta a vez primeira
Em que alegre, prazenteira,
Para mim sorrir-te vi!
Maldicto seja o momento,
Que teu falso juramento
Delirante e cego cri.

Quatro lustros só contava
Quando amei essa mulher!
Essa ingrata que jurava,
Para mim sempre viver!
Essa falsa, que dizia
Que d'amante cumpriria
Sempre, sempre o seu dever;

Mas em breve foi perjura,
E n'essa hora d'amargura
De paixão julguei morrer!

Despresal-a eternamente
Foi meu votto desde então:
Abandonal-a somente
Eu tentei, . . . mas foi em: vão!
Por que um dia. . . desesp'rado
Vi o anjo idolatrado
Abraçando o meu rival!
Resistir, . . . n'esse momento
Não pude. . . faltou-me o alento. . .
Cravei n'ella o meu punhal!

II.

Vou morrer, . . . mas que m'importa,
Se morro, tambem matei!
A perjura, eil-a ja morta. . .
Devo morrer? — morrerei.
A meus pés, mas ja sem vida,
Vi rolar a fementida,
A mulher que tanto amei!

Eu amei-a delirante,
Amei-a a todo o valer:
Noite e dia, a cada instante,
Era d'ella o meu viver.
Tinha zelos infinitos
Dos seus gestos, dos seus dictos,
Zelos d'acerbo soffrer.

Tive zelos. . . té por vezes
Suicidar-me desejei!
Foram tantos meus revezes. . .
Foram tantos que nem sei!
Mas a vida amargurada
Sempre, sempre constrictada
Brevemente a findarei.

Eu tremi. . . horrorisei-me
Ao cravar-lhe o meu punhal!
Da triste = meu deus valei-me!! =
Foi o seu grito final.
Desejei n'esse momento
Dar allivio ao seu tormento,
Mas o golpe foi mortal!

Eu maldice n'esse instante
De meus pais a sancta lei!
Ja sem tino, delirante!
Tudo, tudo amaldiçoei,
Foi tam grande o meu martirio,
Que no auge do delirio
Contra Deus me revoltei!

Mas, Senhor eu louco estava
N'esse instante de paixão:
Não havia na minh'alma
Nem vislumbres da razão.

Da vingança respirava
Amargo fel e azedume:
Fervia-me em todo sangue
Dos odios denso negrume.

Tinha a dor — a mente escrava
Quando de vós blasfemei:
Mas agora arrependido
De vós o perdão terei.

A Dimas que o supplicava,
A Dimas o bom ladrão,
Tambem destes no Calvario
De seus delictos perdão.

16 de Maio de 56.

A. M. da Fonseca.

CHARADA.

- Aquelle com que me unirem
Deixa de sêr o que era:
E em quanto 'stiver comigo,
O que foi não recupêra.
1. De tal lei não são isentos,
Nem cabos, nem hegedores,
Ministros, nem Titulares,
Nem Reis, nem Imperadores?
He só apenas o Sancto
D' ella isento; por em quanto...
- Que o tyranno *assim* o faça.
O assassino, e o atheu;
Por que hade têr o castigo.
Dos crimes que commetteu.
2. Que *assim* o faça o perjuro,
O hypcrita tambem,
O que renegou a Fé.
Do que nasceu em Belem:
Porquanto, se inferno há,
Todos hirão para lá....
- Assim foi a minha sorte,
Quando tu me abandonaste.
Tirce ingrata; e tão sentidas.
Recordações me deixaste!...
2. Assim foste como a pédra,
Tirce ingrata e fementida.
Quando, barbara inhumana,
Faltaste á fé promettida.
Juramentos femininos.
São protestos de meninos.

Se nos campos de Pharsalia.
Foi derrotado Pompeu,
Nos *meus campos* féro hispano.
Grande batalha perdeu.
Tamanha foi a victoria,
A derrota tão geral,
Que decidiu d' huma vez.
A sorte de Portugal.
E alli a » *bandeira castelhana*.
» *Foi derribada aos pés dalusitana*;

A. Pereira d' Araujo.

ERRATAS NOTAVEIS DO N.º 11.

A pag. 7-colun. 1 na nota 7-lin-2-dev-
ler-se: *Ca dent que, quæ nunc sunt in honore vo-
cabula, si volet usus, quem penes arbitrium
est, et jus, et norma loquendi.*

EXPEDIENTE.

Rogamos aos snrs. assignantes de fóra
da cidade que se acham em debito a
esta redacção, tenham a bondade de
mandar satisfazer, pelo seguro do cor-
reio ou por onde melhor lhes convenha.
E n'aquellas terras onde temos cor-
respondentes se dirijam a'elles.

O *Murmurio* publica-se no dia 1.º e 15
de cada mez.

Preço da assignatura — por anno 960 —
com estampilhas 1080. Por semestre 480 —
com estampilhas 360. — Trimestre 240 — com
estampilhas 270 — avulso 50 reis.

Este jornal assigna-se no Porto, em casa
do illm.º snr. Apparicio Augusto da Cunha Sam-
payo, rua das Flores.

Em Valença na casa do illm.º snr. An-
tonio José do Cruzeiro Seixas, rua Nova, n.º 21.

Em Villa do Conde na casa do illm.º
snr. José Antonio da Cunha, rua de S. Bento;